**ESCOLA, DISPOSITIVO DISCIPLINAR: DISCURSOS MEDICALIZANTES NA INFÂNCIA**

 *Daniela Cristina Ratico de Quadros[[1]](#footnote-1)*

**Eixo Temático:** Educação

A escola é uma instituição que utiliza determinadas técnicas, mecanismos ou dispositivos que permitem controlar, disciplinar e/ou ajustar os sujeitos inseridos em seu contexto. Dentre esses, podemos citar como exemplo, a sua arquitetura e planejamento organizacional, controle das atividades, comportamentos, gestos, tempo estabelecido para realização de determinadas atividades. Sua edificação, estrutura física, disposição de carteiras, mesas, quadros, materiais e instrumentos, organização curricular não são aleatórias. São planejadas e implementadas a partir de padrões pré-estabelecidos idealizados como critério para o desempenho escolar, que exercem um poder de controle, de ajustamento e de domínio sobre os sujeitos inseridos no espaço. A escola que deveria ter como função estimular a criatividade, socialização, tornou-se um lugar de punição. Esse texto trata-se de um recorte de minha tese de doutoramento, que tem como objetivo analisar como os processos de medicalização da infância são veiculados pelas redes sociais (redes do *Facebook*) como estratégias biopolíticas que consideram enunciados discursivos dos Manuais Diagnósticos e Estatísticos de Transtornos Mentais (DSM) nas versões III, IV e V. Para tal, faz-se importante discutir a escola, e como ela é engendrada nesses processos medicalizantes.

Para Foucault (1999) as instituições retiram compulsoriamente os indivíduos de seus espaços sociais e familiares e os internam durante longos períodos, moldando suas condutas, disciplinando seus comportamentos e pensamentos. Nesse ínterim, as escolas normatizam o conhecimento sob a forma de disciplinas escolares e disciplinam os alunos, ajustando-os por meio de mecanismos como filas, classes, horários, uniformes, programas e avaliações. Aqueles que não se ajustam às normas ficam sujeitos ao castigo (FOUCAULT, 2014). Destarte, o contexto escolar aparece como um lugar propício para identificar determinados problemas relacionados ao comportamento, pelo fato de algumas crianças não seguirem essas regras disciplinares, como ficarem sentadas, caladas e prestando atenção nas aulas por várias horas (MARTINHAGO, 2018). Aderida à missão higienista, a escola brasileira exerceu papel preponderante sobre a normatização das condutas e disciplinamento das crianças, refletido até nos dias de hoje, quando, por exemplo, os educadores usam jalecos dentro das escolas, demonstrando o poder exercido por eles, e a tolerância destes profissionais se modifica, diante da nova descrição dada pela medicina de transtorno ou desvio de comportamento. Em alguns contextos, como é o caso da cidade de Porto Alegre (RS) os professores das escolas públicas recebem formação específica – mediadas por profissionais da saúde – para que os auxiliem a identificar precocemente crianças que “possivelmente sofram de patologias clínicas possíveis de diagnóstico” (SANTOS, 2016, p. 1079), em outras palavras, a medicina adentrando os espaços escolares, monitorando padrões que outrora eram considerados de cunho educacional e social.

Desse modo, a medicalização – já inserida nesses espaços – constitui-se como um conjunto de técnicas que constituem e conduzem condutas, reguladas e legitimadas pelo poder médico, e assim utilizam-se de medicamentos para corrigir os tais desvios de conduta. Na concepção neoliberal, em que há um constante movimento de aprimoramento de conhecimento e potencialização de si, a educação infantil se transforma cada vez mais em uma incubadora de capital humano, aderindo a formação de competências demandadas pelo mercado. O neoliberalismo se caracteriza como uma racionalidade de mercado que se desdobra sobre todas as relações sociais, desde o Estado até a subjetividade do indivíduo. Nesse contexto, os indivíduos são submetidos à lógica gerencial do trabalho, à competitividade e à busca pelo incremento de capital humano desde o nascimento. Para as crianças que não se adequam aos novos modelos de formação, se fortalecem discursos em prol da medicalização e patologização.

O conceito de governamentalidade torna-se crucial para a discussão e compreensão de que modo ocorreram as articulações entre Estado e escola, na medida em que não somente as instituições educativas produzem um determinado ser-sujeito – não relacionando apenas a criança, mas todos que se atravessam nesse meio, docentes, pais ou responsáveis – como também os discursos direcionados a essa clientela através de uma racionalidade biopolítica. Foucault utiliza o termo governamentalidade para referir-se ao objeto de estudo das maneiras de governar. Na ótica liberal de governamento, Bujes (2001) refere que é preciso “tornar inteligíveis e praticáveis as condições para produzir e governar um corpo político, construído de cidadãos livres”. A escola constitui-se como um dispositivo privilegiado de formação do sujeito moral, reflexivo, político regulando as formas de ser e estar no mundo.

Nessa perspectiva de sociedade disciplinar, observa-se a escola completamente imersa pelos discursos do saber-poder da medicina de forma a investir cada vez mais na busca por traços considerados como ‘patológicos’ cada vez mais cedo, para que se possa através de diversos dispositivos e estratégias formular novos diagnósticos de transtornos relacionados a infância com intuito de promoção de uma imaginada normalização infantil.

**Palavras-chave**: Educação, governamentalidade, medicalização

**Referências**

BUJES, M. I. E. Infância e maquinarias. 2001. 259f. Tese (Doutorado em Educação). Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Educação, UFRGS, 2001.

­­­­­­­­­­­­­­­­­­­­­­­­­FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramalhete. 20 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir nascimento da prisão**. 42 ed. Paraná: Vozes, 2014.

MARTINHAGO, F. TDAH e Ritalina: neuronarrativas em uma comunidade virtual da Rede Social Facebook. **Ciência & Saúde Coletiva**. v.23, n.10, p.3327-3336, 2018.

SANTOS, L. H. S., FREITAS, C. R. TDAH, educação e cultura: uma entrevista com Ilina Singh (Parte 1). **Interface (Botucatu. Online),** v. 20, p. 1077-1086, 2016.

1. Doutoranda do curso de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Vale do Itajaí, UNIVALI [↑](#footnote-ref-1)